

Informe Publicitário

Preservação da floresta úmida leva Amazonino à Suécia

Antecipando-se aos preparativos da II Conferência Mundial de Meio-Ambiente, a realizar-se no Brasil, em 1992, o governador Amazonino Mendes foi à sede do último encontro, na cidade de Estocolmo, convocar os pesquisadores suecos a participarem de um grande esforço científico para desenvolver o Amazonas sem perturbar o seu ecossistema, preservando a floresta úmida.

Ao seu lado, viajou o brasileiro que desfruta de maior prestígio na comunidade científica daquele país: o climatologista Luís Carlos Molion, autor da tese de que o mundo ficaria mais frio se não pudesse contar com a fonte de calor da Amazônia.

O governador do Amazonas foi recebido na Academia Real de Ciências e visitou a reserva de Umea, ao norte da Suécia, onde conheceu uma técnica de manejo florestal, experimentada nas florestas da Malásia que poderia ser aplicada à Amazônia.



Amazonino foi recebido por integrantes da Real Academia da Suécia, interessados pelo ecossistema amazônico

Manejo florestal correto garante sobrevivência

Um inventário florestal completo, com o código e a idade de cada árvore, do dia em que nasceu ao seu ponto de nivelamento econômico nos pinheirais suecos, dentro de 80 ou 100 anos.

Naturalmente, seria difícil imaginar um banco de dados como esse na região amazônica, mas esta foi a visão futurista que o governador Amazonino Mendes recolheu da floresta de Vindeln, ao norte da Suécia, na esperança de um dia vê-la aplicada pelo seu País.

Ao lado do climatologista Luis Carlos Molion, ele foi levado à reserva natural de Umea pelo microbiologista Mats Hagner e o prof. Nils Nykvist, ph.D. em ciências do solo, e ali pôde observar como o departamento de agronomia da Universidade se articula com o setor primário, tal como preconiza para a sua Universidade do Trópico Úmido na Amazônia.

Com a informação à mão, a pesquisa e a agricultura trabalham lado a lado e por isso conseguem dividir muito bem as suas tarefas: a cultura de planalto, por exemplo, por localizar-se em terreno íngreme e pedregoso, fica a cargo do departamento de agronomia, enquanto as zonas das baixadas são reservadas à agricultura de ciclo curto, por serem mais férteis e de mais fácil acesso.

Nessa área, eles chegam a produzir 20 milhões de mudas de pinho por ano e outra quantidade razoável de acácia, que completariam os níveis exigidos pela política de reflorestamento do País.

Os dois visitantes brasileiros viram as mudas serem desenvolvidas em estufa e depois colocadas em canteiros abertos no fundo para que recebam a corrente de ar indispensável à sua formação e mais adiante conheceram o sistema de plantio mecânico, em que um tipo de maquinaria faz as cavas e despeja as sementes ao mesmo tempo.

Com esse processo, eles plantam a média de 10 mil árvores por hectare, à base de uma por metro quadrado, mas só aproveitam um quarto dessa quantidade após os testes seletivos das espécies. As que ficam e escapam dos alces, na sua infância de 20 anos, vão ser codificadas e acompanhadas no seu crescimento até o dia do seu *début* na floresta. São elas que irão garantir a liderança da Suécia no mercado madeireiro, neste e no próximo milênio.

O governador ficou interessado nesse processo e chegou a admitir que seria muito vantajoso para o Amazonas se pudesse concentrar o plantio de copibeiras ou outras oleaginosas na sua reserva ecológica, considerando o seu alto custo de extração na heterogeneidade da floresta.

Na reserva de Umea os agricultores conseguem esse rendimento respeitando a camada vegetal e as plantas existentes no local, e só nas áreas de comprovado envelhecimento da flora, normalmente entre os pinheirais silvestres nativos, é que eles são autorizados a substituir as árvores velhas por espécies novas e rentáveis.

Essa experiência foi realizada na Malásia, um país tropical como a Amazônia, e por isso o governador Amazonino Mendes e o Prof. Luis Carlos Molion avançaram até 400 Km do círculo polar ártico, para ver como era possível desenvolvê-la ali, a uma baixa temperatura e à ausência da radiação solar, justamente as duas condições que maior influência têm no crescimento das árvores.

Nós podemos fazer algo semelhante no Amazonas, plantando espécies de alto valor comercial bebando da floresta, ou seja, sem destruir a sua copa, que é a grande protetora do solo e do sistema aquático - aduziu o cientista Molion com a alegação de que a Amazônia tem a seu favor as condições adversas dos suecos e a vantagem de poder fazer a sua seleção com 50 ou mais espécies, enquanto eles só dispõem de três.

O governador Amazonino e o cientista Molion obtiveram algumas conclusões importantes da visita à reserva de Umea, ao norte da Suécia: uma delas é a de que a política de reflorestamento da Amazônia deve ser feita de forma seletiva e consorciada, para evitar a proliferação de pragas, como as ocorridas em Fordlandia e Belterra na década de vinte (plantio racional dos seringaais de cultivo), e a outra é a de que, dotando a floresta de espécies comerciais, os devastadores hesitariam em queimá-las como fazem atualmente.

Estes pontos de vista eles já trouxeram do Brasil e certificaram-se da sua exequibilidade em Umea, mas o maior aprendizado desta viagem foi extraído da filosofia como os suecos do norte tratam a sua silvicultura:

— Eles plantam uma árvore sabendo que ela vai ser colhida pelo seu neto, devido ao longo tempo que levam para crescer, e é exatamente esta visão de longo prazo que nós precisamos ter no Brasil”, concluíram o governador Amazonino Mendes e o climatologista Luis Carlos Molion na avaliação feita aos cientistas Mats Hagner e Nils Nykvist.



Cientista Luiz Molion

Reserva de 100 mil Km²

Nove horas da manhã em Estocolmo, Suécia, parecia alta madrugada para quem acabara de chegar da Amazônia. Os lampiões ainda estavam acesos na cidade quando as portas da Academia Real de Ciências se abriram para o governador Amazonino Mendes e os três assessores que o acompanharam.

Junto ao salão onde se faz a triagem do Prêmio Nobel, Amazonino foi recebido pelo vice-presidente Staffan Helmfrid, o secretário-geral Hans Lundberg, o diretor do programa IGBP "Mudança Global, Thomas Rosswall, e o editor da revista "Ambio", Bjorn Ganning, especializada em publicações ambientais.

A conversa foi direta a um tema da atualidade: as árvores destruídas pelo fogo na Amazônia.

O governador Amazonino Mendes evitou que o assunto evoluísse para um terreno que não pertence à sua jurisdição e por isso foi logo desfazendo a confusão até então existente entre Amazônia e Amazonas, que na Suécia era tratada como Amazon, indistintamente.

— O meu Estado não tem queimadas disse —, mas o menor índice de desmatamento do mundo e sua economia está toda centrada no artificialismo de um modelo de desenvolvimento instalado na capital, a Zona Franca de Manaus, de onde provém 99,98% da sua receita.

No interior, a atividade econômica não prejudica o meioambiente por vários motivos: não existem grandes projetos pecuários em suas áreas e muito menos o comércio de peles ou exportação de madeira em tora, porque estão proibidas por Lei.

Ele fez ver que a Amazônia tem 5 milhões de Km² e o Estado do Amazonas possui a sua maior fatia, com 1 milhão e meio de Km² mas nem por isso as fotos dos satélites detectam qualquer sinal de queimada, ao contrário do que ocorre nos estados do Mato Grosso, Rondônia, Acre e sul do Pará.

— Por enquanto, o Estado do Amazonas esta intato, mas eu não ousaria prever a sua situação no futuro, se a fronteira agrícola continuar se expandindo mata adentro, pela absoluta falta de opção econômica na Amazônia — disse o governador Amazonino Mendes.

Os membros da Academia se assustaram com o tom dramático das suas palavras, mas sentiram-se imediatamente aliviados ao ouvirem, de própria voz, as medidas legais que o Governo do Amazonas tomou em contraposição a esta ameaça.

Dentre elas destacam-se a organização de um instituto para cuidar do meio ambiente e os seus recursos naturais (IMA) e a criação de uma reserva ecológica com 100.000 Km², historicamente a maior de todas as reservas do Brasil, com a possibilidade de ainda dobrar de tamanho nos próximos dois anos. Ele disse na ocasião que o governo do Amazonas vai fortalecer as instituições de pesquisa já existentes na área e colaborar na instalação e no apoio ao funcionamento do Centro de Sensoriamento Remoto e Estudos Climáticos.

Afora isto, ele ainda anunciou a intenção de implantar a Universidade do Trópico Úmido, a curtíssimo prazo, para estudar a relação do homem com a natureza amazônica e tentar decifrá-la à luz da Ciência e dos seus conhecimentos empíricos.

— Em plano mais elevado, antecipou o projeto que está em fase evoluída no seu Estado para criar uma fundação científica de caráter privado, com o assessoramento de um comitê internacional e a participação de cientistas de alta respeitabilidade, sob a provável direção do climatologista Luis Carlos Molion.

Com a infra-estrutura que lhe irá ofere-



Amazonino determinou a criação da maior reserva ecológica do Brasil

cer, o governador espera que essa fundação insuspeita possa desmistificar certos conceitos sobre a Amazônia e orientar a implementação de programas que abram um novo caminho para o seu desenvolvimento, sem perturbar o meio ambiente.

Na sua opinião, só a retirada dos incentivos fiscais à pecuária, como fez o Governo Federal, há cerca de 5 meses, não será suficiente para deslocar o eixo dos investimentos e conter a impetuosidade dos aventureiros que insistem em empurrar a fronteira agrícola para o noroeste da região.

A saída esta nas várzeas acentuou o governador Amazonino Mendes — desde que elas sejam utilizadas por projetos equilibrados e confiáveis, pois as margens dos nossos rios não existe ameaça ao seu ecossistema, e a produção poderá escoar facilmente.

São 36 milhões de hectares fertilizados pelas cheias a cada ano, sem os gramíneas, as geadas e as estações impróprias a agricultura, porque as suas terras, comprovadamente, têm um índice de produtividade 3 vezes maior que as do sul e um potencial capaz de abastecer o mundo com a produção de cereais e a proteína do peixe que poderamos extrair dessa enorme fonte, pois um quinto da disponibilidade mundial de água doce não congelada encontra-se em nossos rios da Amazônia.

O que nos falta — acrescentou — são os equipamentos e a tecnologia para a obtenção de sementes básicas, e por isso nós exortamos todos os cientistas e as nações de boa vontade do mundo a se unirem conosco no esforço para identificarmos um método de uso econômico da Amazônia que poupe a sua gente e não destrua o seu formidável banco bio genético.

O Brasil, hoje, adquiriu uma grande consciência ecológica sobre esta questão, e foi em nome dela que eu vim aqui, à Suécia, não para pedir recursos financeiros, mas para evidenciar o interesse que temos no aporte de uma tecnologia que nos permita desenvolvê-la e preservá-la, ao mesmo tempo, sem perdermos de vista aquelas populações marginalizadas que sobreviveram à crise do extrativismo e ainda a detendem até hoje.

Como cientistas — ponderou Amazonino Mendes — os senhores têm a obrigação de preservar a natureza, mas como governador e ser humano, eu tenho o dever de preservar a vida do meu povo, aceitando a ajuda técnica pelo interesse comum, pois entendo que a moderna ecologia anula a fronteira política entre os povos.

O mundo é como esta sala sem cinzeiros — comparou, na Academia — onde se lê *É Proibido Fumar*. A fumaça do meu cigarro não pode incomodar o vizinho. Ninguém pode perturbar a vida de outros cidadãos em qualquer parte do mundo. O ar que respiramos na Amazônia pode ser o mesmo que se respira na Suécia. Por que, então, não devemos dar as mãos pelo interesse da humanidade? — finalizou o governador Amazonino Mendes sob o agrado geral dos acadêmicos que o ouviram em Estocolmo.

Como sobreviver sem destruir?

A pergunta feita pelo jornal *Västerbottens-Kuriren* sobre a presença do governador Amazonino Mendes à Suécia (*her ska Amazonas vi överleva regnskogen utan att förstöra naturen?*) parece sugerir um novo tratamento em relação à Amazônia.

Agora seria idéia da sobrevivência como um todo, mais do que a sua preservação.

Com este lead, em negrita, o centenário jornal de Umea deixa a impressão de que na terra do Prêmio Nobel a discussão do problema ambiental brasileiro passa pelo entendimento de que também é preciso salvar o homem da Amazônia.

O governador do Amazonas suscitou a questão:

— As árvores são importantes, mas os homens também.

Na Amazônia, elas somam 15 milhões de habitantes e no seu Estado são 1 milhão e meio de caboclos, "que vivem em piores condições que os índios porque sequer dispõem de uma única organização para defendê-los".

A seu ver, essas populações estariam condenadas a um verdadeiro genocídio se continuarem esquecidas nas matas da Amazônia: — um terço reproduz hoje o maior índice concentrado de hanseníase e o restante estaria contaminado de hepatite ou de malária que volta a atacar na região.

O governador Amazonino Mendes pregou a necessidade do mundo também se preocupar com a sobrevivência dessa espécie, tanto quanto a floresta, e citou como exemplo a medida que ele acabou de tomar na reserva ecológica do Amazonas, determinando que os seus moradores fossem aproveitados como guardas florestais, "porque eles estão lá há 400 anos e nunca molestaram o seu meio-ambiente."

No clube de imprensa, um jornalista sueco quis saber como o seu governo encarava as restrições do Banc



Governador Amazonino Mendes

Mundial para a concessão de financiamentos às regiões sob tensão ecológica.

A sua resposta foi incisiva. Ele lamentou que o Banco Mundial ainda não tivesse definido uma filosofia em relação a esta exigência, "porque a sua rejeição generalizada a todos os projetos que lhe são apresentados não exime o Banco das falhas que ele possa ter tido no passado e tampouco repara os danos que tenham sido causados ao meio-ambiente. Mas expressa, isto sim, uma condenação aos países da América Latina, que são colocados à margem do desenvolvimento por uma resolução que desfigura a sua função" — declarou o governador Amazonino Mendes lembrando que ele próprio esteve em sua sede, recentemente, levando uma proposta que conciliaria o interesse econômico e social com a defesa da ecologia: "Não porque o Banco Mundial a exija, mas porque esta é a postura brasileira", concluiu.

Clima será o mais afetado com devastação

Dentre os cientistas que o receberam na Academia Real de Ciências, um, particularmente, chamou a atenção do governador Amazonino Mendes pela sua relação com os modelos teóricos que procuram interpretar as mudanças climáticas do planeta.

Trata-se do microbiólogo Thomas Rosswall, diretor-executivo do Programa Internacional de Geosfera e Biosfera (IGBP Estudo da Mudança Global), cujo objetivo básico é avaliar até que ponto a atividade humana tem influência sobre o destino da Terra.

O IGBP Estudo da Mudança Global, por enquanto, tem o patrocínio da Suécia e dos Estados Unidos, onde surgiu a idéia inicial de mobilizar a comunidade científica internacional para "tentar compreender" fenômenos como o efeito-estufa e o chamado buraco de ozônio. Hoje o programa conta com recursos extraordinários dos dois governos e espera receber a ajuda da União Soviética, depois que o dirigente Mikhail Corbatchev convocou a cúpula do seu País para apoiar as pesquisas sobre o meio-ambiente.

O interesse do Prof. Thomas Rosswall em estender a conversa com o governador Amazonino Mendes, à margem do protocolo, se prendeu ao fato da região amazônica ter sido escolhida como uma das áreas-piloto para servir de teste à coleta de dados sobre as alterações climáticas que derivariam da "rain forest" (floresta pluvial), conforme proposta apresentada pelo diretor de sensoriamento do INPE na última reunião do IGBP em Genebra.

Por coincidência, um dos cientistas mais requisitados pelo programa — e que por isso

deverá permanecer 6 meses em Berlim — era justamente o seu companheiro de viagem, o Prof. Luis Carlos Molion, que chegara a Estocolmo no outro dia. Molion atuou no Instituto de Pesquisas da Amazônia, foi chefe do Laboratório de Pesquisa Atmosférica e Oceânica do INPE e é o homem que o governador Amazonino Mendes gostaria de ver à frente da instituição de pesquisa privada que pretende fundar em Manaus.

Ele é autor da tese de que a substituição da floresta amazônica por campos de pastagens, como vem ocorrendo ultimamente, poderia alterar drasticamente o clima local e a temperatura do mundo, tornando ainda mais frias as regiões de latitudes elevadas como a Suécia, por exemplo.

No mínimo, de 5 a 6 graus centígrados disse Molion para uma platéia de enregelados suecos na Universidade de Umea.

O climatologista brasileiro explicou que a Amazônia não é apenas um grande filtro que absorve 25% do carbono queimado pelos combustíveis fósseis da Terra, mas uma das suas mais importantes fontes de energia, que espalha o calor através da circulação geral da atmosfera.

Embora tivesse ressalvado que esta é ainda uma hipótese, com uma grande margem de aceitação científica, ele fez ver aos suecos que uma devastação em larga escala da Amazônia poderia acarretar uma remessa menor de calor para os países fora dos trópicos e até restringir a produção de grãos nas zonas temperadas, daí asseverar que o problema da Amazônia é de todos.

